

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS

Quando entramos em uma loja onde roupas nos convidam à observação, sentimos-nos seduzidos pela beleza das cores, pelo conjunto, pela harmonia de tons e formas. Contudo, se o interesse por algum item desta loja torna-se forte, aproximamo-nos deste e verificamos suas costuras, seus detalhes, seus entrelaçamentos. Essa aproximação possibilita que percebamos a multiplicidade de relações que compõem a totalidade que tanto nos chamou a atenção à primeira vista.

Do mesmo modo, olhando bem de perto o cotidiano que nos rodeia e toda a complexa rede de sujeitos que nele habita, poderíamos observar a pluralidade de fios que organizam uma lógica de práticas (Certeau, 1994), que se configura em uma dança tanto desordenada quanto promotora de sutis e provisórias “harmonias”. Pensar o cotidiano implica refletir sobre a complexidade de caminhos que se atravessam, unem-se, dividem-se, constroem-se, assim como os fios do tecido que compõem uma roupa. Dentre os incontáveis caminhos, caberia render atenção especial à escola. Tal espaçotempo, que certamente construiu e reconstruiu caminhos nas redes de sujeitos que cada um de nós é (Boaventura, 1995:107) tem sido meio impulsionador para inúmeras práticas em diversas comunidades. É possível identificar, inclusive, práticas marcadas por processos de lutas e resistências que têm feito a diferença na melhoria da qualidade de vida de algumas populações, práticas estas que são semeadas no interior das escolas, em reuniões de responsáveis, em contatos com professores, em projetos desenvolvidos nas unidades escolares. Desde solicitações de saneamento básico para os moradores, até o apoio para o resgate de uma relação amorosa findada, a escola tem sido, ainda que muitos insistam em afirmar que cabe a ela apenas o trato das questões educacionais, um dos fios que se entrelaça a tantos outros que movimentam a vida cotidiana.

É nesse momento que se evidencia a necessidade de compreender as ações cotidianas da escola como práticas criativas, dando a elas a visibilidade que foge a uma lógica

racionalista que vê a escola apenas como um espaço de rotina pedagógica e trazendo a compreensão de que infinitos movimentos têm-se entrelaçado dando um sentido muito mais amplo às funções escolares.

Um exemplo a ser citado é o da comunidade do Garrão, em Xerém (Duque de Caxias, RJ), local onde a comunidade registrava, durante as reuniões de responsáveis, sua indignação pela falta de pavimentação na estrada principal. Os muitos contatos da direção da escola com a secretaria de obras, na tentativa de solucionar a questão não tiveram sucesso. Foi preciso pensar outras alternativas. A solução surgiu durante uma reunião em que uma das mães mobilizou outros responsáveis para uma cantoria de hinos religiosos nas proximidades da residência do prefeito diariamente às sete horas da manhã. Após uma semana de muita cantoria, a secretaria de obras já estacionava seus caminhões na Estrada do Garrão para a sua pavimentação. O potencial das práticas sociais que emergem na/da/pela escola capazes de provocar mudanças reais no cotidiano das pessoas que ali vivem e trabalham evidencia o quanto são complexas as relações entre os fios que compõem o cotidiano destas comunidades e que negar a existência destes fios é, sem dúvida, negar o movimento da vida.

.....

Sobre o (a) autor (a):

√ Patrícia Baroni: Membro do grupo de pesquisa Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar, do ProPEd/UERJ, com atuação no Laboratório Educação e Imagem.